ANO II — Lisboa — Segunda-feira, 19 de Agosto de 1918 — N.º 441

Pola:lei:e pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João G. Santos

Telefone: C. 1038

Em louvor da violencia

Lenta mas seguramente, na estrada cheia de escarpas da Victoria as nossas ideias caminham, como que impelidas por um sopro divino!

A' indiferença com que fomos recebidos de começo, quando as nossas ideias eram tidas apenas como locubrações de sonhadores, sucedeu uma hostilidade que dia a dia se acentua mais, á medida que os nossos inimigos veem aumentar a nossa força, emquanto que a sua diminue, neste crepusculo evanescente da Democrecia...

E' que nós hoje somos já uma *Força* dentro da apagada e vil tristeza em que se vive. Dentro da dissolução geral em que vivemos, nós sentimos palpitar no seio do nosso movimento o desejo veemente de resgatarmos a terra de Portugal... Sentimos bater os corações intensamente, fortemente, cada vez que palpamos em redor de nós o fructo do nosso combate diario em prol da Verdade Portugueza! Combate incessante, não desmorecendo de ardor até aqui, muito menos deverá esmorecer de hoje em diante...

Estava perdida a Consciencia Nacional, depois de corrompida por um seculo de Liberalismo. Nós fizemo-la renascer. Mas não devemos por isso enfraquecer o nosso ardor, precisamente agora que se forma cada vez mais necessario empregar a violencia para que o triunfo das nossas ideias seja completo.

Só pela violencia nós conseguiremos trazer até nós aqueles que, ou por um preconceito sentimental, ou por uma deficiencia intelectual, ainda persistem em permanecer longe de nós. As nossas ideias não são ideias de *captação*: são de *convicção*. Não pretendemos *captar*, pretendemos *convencer*. E não será sem violencia que nós conseguiremos crear novamente uma Consciencia Portugueza,—Consciencia que só encontrará a sua plenitude de Verdade quando se restabelecer novamente em Portugal a Realeza e a Monarquia.

Já no seu inquerito sobre a Monarquia, na conclusão do terceiro livro, Maurras responde assim á pergunta—*comment faire la monarchie?—«Je réponds qu'il faut faire la monarchie comme on a fait tous les gouvernements du monde, depuis que le monde est monde: par la force.* Ora, é pela força e pela violencia que tambem nós necessitamos convencer os que nos desdenham. Não se trata, evidentemente, duma violencia material, fisica, com cacetes e cavalos marinhos impondo a sua supremacia. A violencia que é necessario empregar é uma violencia intelectual, uma violencia na afirmação e na manutenção das nossas ideias, uma violencia, numa palavra, que não transija de forma alguma com o erro democratico.

Só essa violencia nos permitirá a creação duma mistica anti-democratica, reaccionaria. Em materia de reação e contra-revolução, apenas existem *ideias*. E' preciso, porem, crear uma *mistica*, um *sentimento* impulsor das ideias, para que estas triumfem mais depressa, e no seio das multidões criem adeptos e propagandistas.

Sabe-se que só as *elites* agem por inteligencia e raciocinio. As multidões agem sim, mas por sentimentos arrastados, pela mistica dos principios que defendem. Se nós temos commosco, incontestavelmente, as *elites*, tudo quanto é monarquico por convicção, porque não havemos de crear uma mistica, para que até nós venha a multidão?

Creada e posta em frente da mistica revolucionaria, a mistica reaccionaria esmagal-a-hia dentro em pouco, sem que fosse necessario qualquer esforço sobre-humano. O esmagamento da mistica revolucionaria seria mesmo auxiliado pela sua fraqueza e inferioridade natas. Porquê?—Porque emquanto que a mistica revolucionaria nasce duma *idealisação* da vida, a mistica *reaccionaria* é o produto duma *verificação* experimental e positiva. E certamente que quanto mais certos estivermos de termos em nosso poder a Verdade Portuguêsa, tanto mais facil será crear um ardor no combate que em breve seja uma chama mistica...

Não se julgue, porem, que queremos sair do campo das ideias para entrarmos no campo dos sentimentos. Não. A mistica reaccionaria tem toda a razão de existir como um complemento das ideias, porque, como escreveu Maurras em relação á França, *savant d'être une passion, notre monarchisme est une raison et, pour retrouver des ancêtres royalistes, quelques-uns d'entre nous, petits-fils de conventionels régicides, fils de bonapartistes ou de libéraux, sont obligés de remonter à quatre, cinq, six générations.*» Só depois de ser uma *razão* é uma *conclusão* raciocinada é que o nosso monarquismo se torna *paixão*.

Não se comprehenderia de outra forma que nós tomassemos o partido de nossos Avós contra o partido de nossos Paes, na frase admiravel de Psichiari. Depois de ser uma conclusão intelectual, o nosso monarquismo deverá ser uma paixão. E como conseguil-o?—Pela *violencia*, pela *força*, não consentindo mais que a mentira democratica e internacional se oponha á reacionaria Verdade Portuguesa!

Augusto da Costa.

COMENTARIOS

Tarde ou cedo...

O poeta Mayer Garção, afastado por uma questão carnavalesca do seu querido «Mundo», está já de alma e coração outra vez com ele.

Não admira!

Mayer Garção é um romantico; e quando se trata de romanticos já lá canta o da peça:

Tarde ou cedo, o coração
Volta ao seu primeiro amor...

Moralidade publica...

Num *suelto* sob este titulo procura *A Lucta* justificar o espectaculo imoral que nos oferecem os jardins publicos á noite, comparando-os aos que nos dão os jardins das grandes cidades estrangeiras.

E' esta uma boa concepção da vida:—lá porque a nossa visinha nunca se lava, nós estamos por acaso desobrigados de lavar a cara quotidianamente?...

A falencia do parlamentarismo

São do nosso presado colega *O Comercio de Guimarães* as palavras que a seguir transcrevemos:

«Lia-se ha dias na *Liberdade*:

O parlamento está a fazer uma grande propaganda presidencialista.

—Ora adeus! O parlamento o que está a fazer uma enorme propaganda *integralista*.

Assim é que dá certo...»

Tem toda a razão o valoroso paladino da Causa Monarquica. O parlamento tem-se desacreditado tanto que nem o remendo grotesco do presidencialismo é tomado a serio.

Só a sua destruição completa satisfará o paiz. E nesse dia nós teremos alcançado um triunfo, porque fômos nós os unicos que sempre prescrevemos tal remedio...

Apreciem!...

Ora apreciem os leitores este naco:

«—Nós vivemos em pleno regimen de *tesos*...

...Quem o levou á perfeição foi o sr. Afonso Costa, que nunca foi um estadista, mas um *teso*, e pelos seus erros tremendos estão pagando o paiz e a republica...»

Donde julgam os leitores que transcrevemos nós isto? De algum jornal monarquico ou sidonista? Pois enganam-se! Isto que acima se lê foi escrito ontem no editorial dum jornal que passa o melhor do seu tempo acusando o sr. Sidonio e os monarquicos de *venditos ao oiro alemão!*

Admiram-se? Pois é assim mesmo!...

O regresso á terra...

Pouco a pouco se vae reconhecendo a verdade das nossas doutrinas. Dos mais diversos campos nos vaem incitamentos e provas de que a nossa campanha não é de todo inutil.

Agora é o sr. Machado Santos, o venturoso pae da creança republicana, que, desgostoso e enojado das tricas politicas, as vae abandonar, indo cavar batatas para Vila Franca de Xira...

Os nossos parabens á agricultura que assim se vê enriquecida com a entrada no seu seio dum tão prestigioso elemento...

O peor é se o sr. Machado Santos dér tanto na Agricultura como deu na politica!...

Um teso...

Diz um jornal, *actualmente* em imoral concubinagem com os politicos da republica velha, que o sr. Afonso Costa foi um *teso*.

Desta é que ainda ninguem se havia lembrado. Mas este demo leva a palma ao proprio José do Vale que nestas cousas futuristas é dificil de bater!

O sr. Afonso Costa um *teso*!...

Esta nem lembraria ao diabo...

Um catavento...

Pelos modos tem feito sucesso um artigo que sob o *pouco catolico* titulo *Raios o partam* publicou a *catolica* «Liberdade»!

Deve estar contente o sr. Vaz Ruy de Sá—o imortal auctor da celebre objurgatoria! Mas, não se deixe o *Centro* embalar com essa acquisição! Ainda ha dias falando com um catolico professo ele definiu o urticulista do Porto: — um catavento!...

Não vá, pois a barcaça catolica soprar ventos que a levem ao fundo!...

Inda a procissão vae no adro...

Indignaram-se todos ainda ha pouco os democraticos quando do assalto á *Montanha*. Nós como eternos inimigos da justiça popular que tantas vitimas nos causou protestámos nobremente contra o facto, apezar de se tratar de gente que havia aplaudido e incitado crimes semelhantes ou peores.

Pois ainda ontem ouvimos a um democratico numa conversa as mais infames ameaças que só gente sem caracter poderá fazer: — que todos os jornaes seus adversarios seriam destruidos e proibidos de circular, que talvez nem tempo tivessemos para fugir, etc., etc..

E' assim que eles compreendem a logica e a razão! E' assim que eles respondem á nossa nobre atitude: — á lealdade com o crime, á generosidade com a traição!

Lêr mais comentarios na 2.ª pagina.

Rainha Augusta Victoria

Passa hoje mais um aniversario natalicio da nossa bela e desventurada Rainha.

Ligada pelo destino ao Rei dum paiz que nunca viu, ela vive na alma enternecida dos Portugueses como um modelo de Rainha e como um altivo coração de Mulher.

Que a negrura destes dias tristes passe em breve e que as mãos que hoje acarinham as pobres victimas desta hecatombe possam vir espargir as suas graças sobre este povo que a adora misticamente, sem nunca ter tido a dita de a olhar!

Ainda D. João VI

Do *Liberal*, de sexta-feira, transcrevemos a seguinte carta, onde se presta justiça ao senhor major Silva Vilar, que foi quem nestes ultimos anos empreendeu a reabilitação de D. João VI.

«Sr.

No «Liberal» de ontem vem transcrita da «Monarquia» uma local em que, a proposito da tão falada passagem de El-Rei D. João VI ao Brazil, se presta homenagem ao sr. major Silva Vilar, que, com uma hombridade que muito o nobilita, sustentou a verdade historica, fazendo justiça aquele Soberano, numa conferencia realisada em 1909.

Sem o menor intuito de desvalorisar o trabalho historico do ilustre oficial, que tambem aplaudo, seja-me tambem permitido esclarecer que o meu director no jornal «A Nação», sr. João Franco Monteiro, agora ausente de Lisboa, com a sua autoridade em assuntos historicos, mormente da epoca de que se trata, e com o brilhantismo literario que todos lhe reconhecem, em mais de um artigo, em aquele jornal, se ocupou do assunto, muito antes de 1909, e tambem depois, defendendo o grande acto politico que foi a transferencia da côrte portuguesa para o Brazil, e quando da invasão franceza.

Agradecendo a v. a publicação destas linhas subscrevo-me com muita consideração

De v. etc.

Lisboa, 15-VIII-18.

Frazão de Vasconcelos.

Ha nesta carta porém, um ponto a rectificar. — E' que embora o senhor Franco Monteiro e outros escritores notaveis, como o visconde de Santarem, considerassem sempre como um acto patriotico a retirada d'El-Rei D. João VI para o Brazil, e por tal razão a defendessem, é ao senhor major Silva Vilar que cube ainda a primazia, pela apresentação de provas irrefutaveis, como o notavel discurso do celebre politico inglez Pitt, depois publicado em apendice á conferencia do ilustre oficial que tão brilhantemente veio a campo defender um notavel acto pelo liberalismo colocado na Historia como vergonhoso!

Conde de Monsaraz

Encontra-se ha dias em Lisboa este nosso querido amigo e ilustre director deste jornal.

Apresentando ao sr. Conde de Monsaraz as nossas saudações de boas vindas, aproveitamos a ocasião para lhe dizer quanto é desejada a sua volta ao combate em que nos empenhamos e de que teve que se afastar para ir tambem servir a Patria, embora doutra maneira mais bela e arriscada.

"Politica"

No nosso numero de sabado sahiu truncado um granel de composição da nossa secção «Politica» incluindo na local sobre «Oficiaes Milicianos». Esta local termina onde se diz:

Por nossa parte, prometemos voltar ao assunto e exaral que outros colegas tomassem tambem á sua conta esta grave questão moral.

sendo o resto a continuação da «Politica».

Ao nosso presado colaborador Augusto da Costa e aos leitores as nossas desculpas.

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 53, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

Major Silva Vilar

Deu-nos a honra da sua visita este ilustre oficial do nosso exercito que, ha pouco ainda quasi ignorado, é hoje já tido como um dos primeiros rehabilitadores da obra de El-Rei D. João VI, caluniada de ha muito pelo liberalismo feito Historia.

Ao senhor major Silva Vilar, a cujos meritos prestamos a devida justiça, apresentamos os nossos agradecimentos pela sua gentileza.

ATLAS
Companhia de Seguros
SÉDE:—Rua do Crucifixo, 49

Lêr amanhã:
«A consciencia nacional», editorial de Rebelo de Bettencourt

Portugal almotacelado

IV

A taxação dos preços dos artigos de consumo

Por interesse do publico geral e dos municipes em particular a principal função dos vereadores era o preceamento de todos os artigos indispensaveis á vida em comum da vila ou cidade, tanto pelo que respeita á alimentação como tudo o resto de que ha necessidade, segundo o principio: «nec solum passe vivet homo».

Vejamos a doutrina dos artigos 32, 33 e 34 do tit. cit.—Item—32—«Porão taxa aos oficiaes mechanicos, jornaleiros, mancebos, (creados) moços de soldada, louça «e as demais coisas que se comprarem e venderem», segundo a disposição da terra e a qualidade do tempo.»

«33—Item—Os vereadores com as pessoas que costumam andar na governança farão «taxa do calçado», pondo-lhes preços moderados, conformando-se com a qualidade da terra e com o trato da coureama que em cada um dos ditos Lugares ouver, de que farão acordos bem declarados nos livros da Camara. E os capateiros ou obreiro que vender algum calçado do «conteudo na taxa», excedendo o preço d'ela, ou por algum outro modo levar mais do conteudo na dita taxa de qualquer quantia que seja, pela «1.ª vez será preso e degredado por um ano para Africa e pagará dez cruzados», a metade para quem o acusar e a outra para nossa Camara.

E pela segunda vez, alem destas penas, será publicamente contado.

E sendo de qualidade que não caiba nele pena de açoites, haverá pela segunda vez a pena de degredo e dinheiro em dobro. E os juizes de cada Lugar, duas vezes no ano, uma no mez de janeiro e outra no mez de julho, tirarão devassa do dito caso, e procederão contra os culpados, dando apelação e agravo, qual no caso couber. E alem disso, quando alguma pessoa particularmente se queixar que «lhe levaram mais da taxa», perguntarão devassamente as testemunhas, que lhe aparte nomear, e prenderão os culpados e procederão contra elles na maneira acima dita.

Art. 34—item—«Porem não porão taxa ao pão, vinho e azeite. E quando houver alguma necessidade evidente de pôr taxa nos ditos mantimentos, no-lo farão saber, alegando as razões que para isso houver, para provermos como por nosso serviço.»

Aqui fica em resumo o que preceituva a legislação antiga sobre o magno problema das subsistencias publicas nos tempos normaes, porque nos acidentes de guerra, catastrofes ou perigos de qualquer ordem social, então tudo se regula por alvarás e ordens cumpridas imediatamente por todos sob penas rigorosas que iam até á morte, ficando tudo o que pertencesse aos particulares sujeito a ser requisitado, esperando a volta da normalidade para serem indemnisados.

E' assim ainda hoje em Inglaterra, França, Alemanha, etc., envolvidas na actual horrorosa guerra. Em Portugal, que tambem está envolvido criminosamente por quem a isso o quiz sacrificar no terrivel conflicto, com fins de especulação politica e financira dos sacrificadores—não se quiz seguir o exemplo daquelas nações, provavelmente para nos tornarmos originaes, e alonzoarmos que apezar de beligerantes ainda não precisamos de recorrer ao arracionamento. E necessario excesso de pouca vergonha para que se possa fazer tal afirmação, tendo o triste povo português todos os artigos de consumo por preços incomportaveis, duas ou tres vezes mais caros do que naqueles paises, luctando com a miseria, com a fome, andando nú, descalço, esqueletico, victima já das tres calamidades—*Fome, peste e guerra.*

Alves de Moraes

Portugal no Estrangeiro

Como em França se aprecia a actual situação politica

Ninguem ignora que nos primeiros tempos apoz a revolução o sinistro conchavo democratico—evolucionista reconhecendo-se impotente dentro do paiz mas procurando por todos os meios torpedear a nova situação politica, preconisou como melhor meio a intervenção estrangeira fazendo convergir para ali todos os seus esforços.

Felizmente para Portugal thes esforços resultaram sempre estereis mercê da inanimidade das suas alegações.

Presentemente semelhante perigo póde mesmo considerar-se conjurado se atendermos que a verdade da nova situação se vae tornando cada vez mais conhecida. E que tal sucede prova-o subejamente os sucessivos artigos que em diversas publicações estrangeiras teem ultimamente vindo a lume elogiando as tendencias conservadoras do sr. dr. Sidonio Paes.

Assim por exemplo a revista franceza *L'tudes* inseria no seu ultimo numero um interessante artigo de critica á actual situação politica portuguêsa de que passamos a transcrever os trechos mais curiosos se bem que por vezes um pouco inexactos:

«Depois de sete anos duma existencia mais que agitada, o **regimen maçonico sahido da revolução de 1910** foi bruscamente apeado por um holpe de força, um *pronunciamento* militar, realisado a 6 e 7 de Dezembro de 1917, segundo o método tradicional das mudanças de regimen nos paises de lingua espanhola ou portuguêsa: método de que os Anaes da peninsula iberica offerecem, desde um seculo, tão memoraveis exemplos. Um pouco mais de quatro mezes mais tarde, a 28 de Abril de 1917, o novo regimen apoiado por todas as forças conservadoras do pais, recebia do sufragio popular uma consagração triunfal.

Esta contra-revolução foi acolhida, em França com um certo mau humor pela imprensa republicana de todas as nuances, é deixando o publico na ignorancia das verdadeiras causas e verdadeiros caracteres do movimento, ensaiou até desacredital-o lançando sobre o nosso governo, orientado para a direita, a suspeita (perfeitamente injustificada) de tendencia neutralista ou germanofila.

E um pouco mais adeante:

«Para encontrar na historia de França alguma coisa analoga á contra-revolução portuguêsa de dezembro de 1917, é preciso remontar ao 13 vendemiario do ano IV, isto é a 4 de outubro de 1795, e sujpor que o movimento insurreccional não foi batido pela artilharia do general Bonaparte, então defensor da Convenção. Num e noutro caso, houve uma coligação armada dos realistas e dos republicanos moderados para arrancar o poder ao partido jacobino. Mas o que dá originalidade ao golpe de força dos conservadores portugueses e não podia ter equivalente na França de 1795 é o papel preponderante duma organisação antimaçonica recrutada entre os oficiaes catolicos de Lisboa e das guarnições visinhas, com o fim de libertar Portugal da tirania jacobina, por um *pronunciamento*.

Os trez chefes da contra-revolução são um catolico da direita, Feliciano da Costa, capitão de cavalaria, um revolucionario revoltado contra o Idolo, Machado dos Santos, e um independente ao qual de comum acordo foi conferida a função suprema, Sidonio Paes.

Le Correspondant de 25 de fevereiro é, 1918 desenhou a «*silhouette de guerre*» deste antigo oficial de artilharia, antigo professor de Coimbra, antigo funcionario dos Negocios estrangeiros, que está em caminho de inaugurar, em Portugal, uma era de paz social e religiosa sob a etiqueta do «*presidencialismo*» e com o concurso de todos os partidos conservadores.

O principado que lhe foi confiado comporta verdadeiros poderes dum chefe de Estado que governa e não sómente uma simples primasia de honra nas sessões tumultuosas do parlamentarismo. Sidonio Paes tira, de resto, a sua melhor força da quasi unanimidade com que o povo português retificou a sua ascensão ao poder supremo. No escrutinio de 28 de abril, o presidente reuniu 500:000 sufragios sobre 550:000 votantes e 880:000 eleitores inscritos.

Sob a republica maçonica, não havia senão 200:000 eleitores inscritos e 80:00 votantes; sob a Monarquia, 400:000 eleitores inscritos e 200:000 votantes. O senado novamente eleito é composto quasi exclusivamente de partidarios do presidente Sidonio Paes. Outro tanto se póde dizer da camara dos deputados, onde os republicanos democratas e franco-maçons adversarios do novo regimen, não obtiveram senão 6 mandatos legislativos sobre 165. Entre os 159 deputados que apoiam a politica do presidente, 15 formam o grupo catolico, 39 pertencem ao grupo realista, 105 constituem o grupo republicano governamental e moderado. Aos olhos de uns, o regimen actual tende a tomar um caracter definitivo; aos olhos de outros representa um estadio provisorio na volta progressiva ás instituições monarquicas.

Mas aos olhos de todos o principado de Sidonio Paes tem uma significação nitidamente conservadora, reação assinalada contra o jacobinismo revolucionario e anti-religioso.

Se se quer ainda uma analogia tirada da historia da França contemporanea,—uma certa paridade entre o regimen actual da republica portuguêsa e a nossa propria terceira republica, quando esta (se putada provisoria) tinha o marechal Mac-Mahon por presidente, o duque de Broglie, o general de Cissey ou Luiz Buffet por chefe do ministerio, estando todas as esquerdas republicanas na oposição e denunciando o clericalismo do governo.»

Referindo-se ainda ao restabelecimento das nossas relações com a Santa Sé, continúa:

«Sem ser um catolico declarado como Feliciano da Costa, Sidonio Paes é abertamente favoravel ao pleno exercicio da Liberdade religiosa em Portugal. Tal é o motivo que lhe vale a adesão calorosa de todos os elementos catolicos do paiz.

—E com manifesta inexactidão que seria talvez conveniente fazer conhecer, porque semelhante optimismo é por demasia contraprudecente, continua:

«Com efeito, no dia seguinte á contra-revolução, os bispos e os religiosos proscritos ficaram livres de repassar a fronteira. O clero entrou por toda a parte na posse das egrejas, as procissões e cortejos recomeçaram a desfilar sobre a via

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Os comunicados dão a situação como estacionaria na frente ocidental.

Podemos, por consequencia, hoje, variar da linha de mira, lançando-a agora para os lados do Oriente, á procura de outras frentes e de outras gentes, que tambem se batem com os Imperios Centraes.

Situação inicial: os aliados desembarcados em Arkhangel; os aliados em Wladivostock—quer dizer dois pontos de apoio, um no Mar Branco, com inglêses e francêses recem-desembarcados; outro no mar do Japão, para onde os soldados do Grande Nippon, com contingentes filipinos foram a reforçar os tcheco-slovacos, cujas tristas de coluna já apontam nas planicies de Mandchuria.

O que tudo significa que da parte da Entente se resolvem novamente lançar mão da Russia para com eles formar uma nova frente oriental contra a Alemanha e seus aliados.

Da viabilidade ou da inviabilidade desta nova solução só o futuro e os acontecimentos decorrentes poderão responder. E' certo que tanto o Japão, como a Norte America, teem extrema facilidade em despejar nucleos importantes de forças na costa oriental da Siberia. E' certo que o reabastecimento e o remuniciamento dessas tropas se fará facilmente e com toda a segurança, pois as retaguardas das colunas estão seguras, conforme tudo o faz prever.

Mas não será mau notar o grande desenvolvimento em quilometros da unica via ferrea que liga a Russia do Extremo Oriente com a Russia europeia e esta depois com a setentrional.

Com efeito a linha unica chamada do Transiberiano, nem das margens do Mar Branco, de Arkhangal a Valogda, a Moscow, a Samarra e a Tcheliabinsk.

D'aqui entra na Asia, por Omsse Petropawloski, Obi, Irkutsk, Tai-tsi-Kai, direito a Karbine, onde ha os dois entroncamentos para Mukden, Porto Arthur e Pekin e para Ninguta e Wladivostochk.

E' este, por ora, o unico cordão umbilical, que vemos poder alimentar com homens, material e subsistencias os exercitos em campanha e em marcha sobre a froneitra dos Vraes.

Possivel é—bom será notar — que a iniciativa *yankee* cubra tais deficiencias e que outra linha paralela seja consiruida em reforço do Transiberiano. Mas, por ora, a verdade é que não existe.

Outro factor que é bom ter em linha de conta vem a ser o modo como na Russia se tornará esta intervenção libertadora dos aliados.

Tanto as declarações dos governos de Washington e de Tokio, como tudo o mais que se vem dizendo na imprensa aliada a tal respeito revela bastante preocupação, sendo constantes as recomendações de que haja facto para com a Russia e que não se vão ferir as suas susceptibilidades internas. De esperar é pois que as cousas se farão sem pressões e apenas com o intuito militar de vencer o adversario.

A verdade é que esta nova ideia de recuperar a Russia para o campo aliado, abandonando-se o systema anterior de considerada como não existente para a parte ultima da guerra, se deve sem duvida aos «tcheco-slovacos», em quem toda a gente fala, sem talvez saber ao certo quem são.

Quem são pois os «tcheco-slovacos»?

Os «tcheques» são da Bohemia e dependem pois da Austria.

Os «slovacos», da mesma raça que os primeiros, estão encravados no territorio hungaro.

O que pretendem ambos os povos?

Fundir-se numa nação unica, livre e independente, levando tudo a crêr pela sua atitude, que desejam sacudir a dominação do Imperio de Cerlos I.

Claro está que ao iniciar-se a guerra, tanto «tcheques» como «slovacos» combateram incorporados ao lado dos alemães e dos aliados destes, austro-hungaros. «Combateram» será modo de dizer, porque na verdade o que eles fizeram, logo ás primeiras acções, foi desertar em massa para as fileiras russas, no efectivo de batalhões e até de regimentos inteiros.

E mal se apanharam no campo contrario voltaram logo armas contra os Centraes e até á paz de Brest-Litovski assim permaneceram incorporados no exercito russo.

Mas o pelor foi a paz: extincto por assim dizer o exercito, os «tcheco-slovacos» viram-se isolados naqu la «mare-magnum» e por assim dizer no ar.

Que fazer nestas circunstancias? voltar á situação anterior á deserção?

Impossivel por todos os motivos.

Logo, apenas restava formar nucleos mais ou menos numerosos, mais ou menos importantes e, como os celebrados «dez mil» de Xenophonte em busca do Ponto Euxismo, cruzar a inteira Russia da Europa, depois toda a Siberia, direitos a Vladivostoch, onde embarcados tomariam rumo direitos ás ocidentais praias, donde poderiam ir bater-se á vontade, ou no «front» de Flandres, no de Picardia, de Alsacia, etc.

Foi o que resolveram.

E ei-los por além adiante, guerreados a meudo pelas colunas «bolchevickes, pelos coorganisados de prisioneiros alemães e austro-hungaros e ás vezes até pelas proprias povoações em armas—sempre, como os Reis Magos, com os olhos fitos na sua Estrela, por entre dificuldades talvez iguais ás da grande «Armée», voltando como o «Homem dos Séculos, em direitura ao Beregina e ás terras menos asperas da Alemanha Oriental.

Aos «tcheco-slovacos» se deverá, pois, como se vê, a restauração da frente oriental—se ela vier a ser reconstituida.

16-VIII-918.

Saturio Pires

publica, as congregações puderam retomar pouco a pouco cau grand four o sua organisação cortorativa.

Alguns meses mais tarde o cardeal Mendes Belo, patriarca de Lisboa e todos os bispos de Portugal, davam parte ao soberano pontifice, na côrte coletiva, dos felizes resultados obtidos e das suas santas esperanças pelo futuro. Benedito XV respondeu numa carta que relembrando as perseguições dos sete ultimos anos, saudava a aurora dos dias reparadores».

Como se vê a obra dos miseraveis traidores falhada em toda a linha redunda no insucessó. E partindo deste facto, se por outro lado atentarmos na efervescencia revolucionaria dos ultimos dias adentro do paiz, facil será determinar o seu dinamismo. O conclave democratico-evolucionista acrescido agora com a patrulha unitinista, ao certificar-se do seu irrealisavel sonho de traição prepara-se para o assalto do Poder. E os pronuncios sucedem-se dia a dia. O caso das Devezas é tipico.

Um espirito de crise ganha a nacionalidade na tragica que passa.

Portugal póde dentro em breve ser riscado da carta politica da Europa se os conservadores portuguezes não souberem opôr resolutamente a força á força.

D. A. C.

Comentarios

Não é bem assim!...

Diz *O Mundo* que a monarquia *miguelista* foi destruida, bem como a *manuelista*—porque eram contrarias á vontade da Nação!

Está enganado o sr. José do Vale! Em primeiro logar não conhecemos monarquia manuelista ou miguelista. A Monarquia em Portugal só pode ser uma: — a que foi interrompida em Evora Monte. A instituição é claro — e é sempre preciso fazê-lo notar... para evitar confusões.

Mas não foi a vontade da nação que derrubou a verdadeira monarquia, foi a cubica dos estrangeiros, auxiliada por portuguezes sem brio mas com ambições!

Em 1910, apesar da monarquia ter quasi todos os vicios democraticos, ainda são estrangeiros os seus melhores auxiliares!

E quem se destaca mais no seu auxilio a republica?

— O embaixador do país que os republicanos dizem odiar e injuriam, o representante alemão na capital portuguêsa!

Estes é que são os factos: — a monarquia não caiu por ir contra a vontade da *nação*, — a monarquia portuguêsa caiu porque não agradava... ás nações estrangeiras que nos cubiçavam!...

Contas claras...

O sr. José do Vale fala nas contas *claras* da administração ligoriana. Por esse caminho qualquer dia chama *branco* ao *carrasco*! Defeitos de quem tem os olhos turvos!...

O criterio deles...

O sr. José do Vale protesta indignadamente por ser aplicada a republicanos uma lei que foi feita para os *monarquicos*! São impagaveis estes republicanos. Com que então os monarquicos não são gente!... Ha é certo uma enorme diferença entre nós e os republicanos! Inda bem que eles proprios o reconhecem!...

José do Vale reaccionario?...

Decididamente a Democracia faliu! O proprio José do Vale a atraiçoa!

Vejam o que diz o *simbolo* da republica no *fundo da bola*:

O povo portuguès tem o dever de conservar as suas tradições reagindo.

Tem toda a razão. E é exactamente por isso que nós nos empenhamos nesta ardua cruzada e que tantas vezes temos merecido do sr. José do Vale o epiteto que só nos honra de reacionarios!...

Suicidio

Suicidou-se hoje por meio de enforcamento, Manuel José Dias, residente na rua do Cardal da Graça, 11, cave.

Crime voluntario

As peripecias, as scenas verdadeiramente empolgantes do sensacional filme «A Nova Missão de Judex» tem levado ao Colyseu dos Recreios uma concorrencia de milhares e milhares de pessoas.

Para o espectaculo da moda de hoje em que se estreia o 10.º episodio: «Os Dois Destinos», e repetem-se o 8.º e 9...

Numerosas familias da nossa aristocracia já compraram os seus bilhetes.

A'manhã é uma nova enchente com a estreia do 11.º episodio Crime involuntario que constituirá para todos uma grande surpresa.

O «Monte-Pio Geral», realiza com facilidade, a prazo e em oiccorrente empresttimo sobre predios urbanos em Lisboa e concelhos limitrofes, ao juro de 5 1|2 0|0.

Festas em Almeirim

No proximo domingo 25, realisam-se nesta importante vila, pomposas festas a S. Sebastião, constando de missa a grande instrumental, sermão pelo grande orador sagrado, dr. Fernandes de Castro, procissão e á tarde grandiosa corrida de touros, na qual toma parte o festejado cavaleiro Morgado de Covas e os aplaudidos bandarilheiros Tomás da Rocha, Luciano Moreira, Custodio Domingos, Vital Mendes, Leopoldo Alves e Manuel dos Santos, da Golegã.

Serão lidados, dez touros, da nova ganadaria do importante lavrador de Alpiarça, sr. Joaquim Duarte Barreira.

Na noite desse dia, haverá arraial, abrilhantado por duas excelentes bandas de musica, vistosas iluminações e um caprichoso fogo de artificio e quermesse, cujo producto se destina aos feridos da guerra.

A greve dos ferro-viarios e a União Operaria Nacional

Nenhuma animosidade nos leva a escrever este artigo, porque não temos má vontade contra os ferro-viarios, pelo contrario, sempre os temos defendido perante o publico nos seus legitimos interesses.

Neste artigo como em todos os que temos escrito, só dizemos as verdades, custe o que custar, dôa a quem doer, porque acima de tudo somos portuguezes conforme temos provado numa luta renhida de onze anos por uma causa que julgamos ser a que póde salvar o paiz, tendo feito por ela sacrificios desinteressados que muito poucos poderão exceder ou egualar.

Além disso escrevemos como medico, e sendo a medicina um sacerdocio e não um comercio, nós não poderiamos ocultar aos nossos leitores as verdades.

Quando o publico algarvio protestava contra os frequentes atrazos dos comboios, atribuindo aos empregados dos caminhos de ferro, nós escrevemos no jornal «O Algarve» defendendo-os, e assim temos procedido varias outras vezes, quando lhes assiste justiça; porém, no caso da ultima gréve, que tão graves prejuizos trouxe ao publico em geral, e em especial aos pobres, cumpre-nos dizer que a gréve não só foi injusta como foi egoista.

Vamos contar aos leitores o que se passou com alguns habitantes do Algarve.

Algumas pessoas que foram mordidas por cães suspeitos de hydrofobia (raiva) e que iam a caminho de Lisboa, segundo nos dizem, ficaram em Vendas Novas, porque os senhores empregados do caminho de ferro fugiram abandonando o comboio nesta estação.

Outras pessoas em identicos casos que deviam partir para Lisboa nos dias seguintes, não puderam ir por causa da gréve.

Isto é barbaro, revoltante e extremamente egoista.

Se o operariado se queixa, com justiça, do egoismo dum grande numero de comerciantes, que assassinam o povo, açambarcando os generos de primeira necessidade, devem ser os operarios os primeiros a darem o exemplo de altruismo, não praticando actos prejudiciaes como a gréve a que nos acabamos de referir.

O que diriam os empregados do caminho de ferro se os medicos fizessem gréve? Estamos certos que as nossas costelas, e com justiça, não estariam muito seguras.

As gréves dos empregados dos caminhos de ferro como a dos medicos e dos farmaceuticos devem ser proibidas por uma lei especial.

Uma das reclamações dos empregados dos caminhos de ferro, segundo nos dizem, consistia no aumento do ordenado, embora encapotado sob titulo de diminuição do imposto de rendimento.

Nós já provamos em varios artigos que o aumento do ordenado sem beneficiar a classe que o obtem, prejudica as outras classes que não conseguem um aumento paralelo.

Efectivamente, como tem sucedido até hoje, para aumentar os ferro-viarios, o governo ou aumenta os traficos ou a circulação fiduciaria desvalorisando a moeda corrente.

Em qualquer dos casos, prejudica, pelo aumento da carestia da vida, a classe dos corticeiros que não podem ter grande aumento de ordenado porque esta industria está decadente, — quer pela falta do mercado alemão quer principalmente pela falta de transportes — do mesmo modo é prejudicada a classe dos cordoeiros que vê os seus interesses muito cerceados por falta de materia prima.

A União Operaria Nacional não devia ter interferencia na gréve; poz-se, segundo nos dizem, ao lado dos ferro-viarios, que é uma classe poderosa, com manifesto prejuizo doutras classes, cujos interesses egualmente lhe cumpré defender.

Actualmente, o problema operario em Portugal resume-se no problema das subsistencias, assim comprreenderam os operarios de Faro, que entregaram uma mensagem respeitosa ao ilustre governador civil do districto.

Pelas razões acima expostas se vê que os operarios estão sendo dirigidos por individuos desconhecedores das questões operarias em Portugal, que tambem é um problema medico, e que portanto nos cumpre tratar com imparcialidade.

Nós, transcrevendo a mensagem que os operarios de Faro entregaram ao sr. governador civil, fazemo-lo com a intensão de mostrar que os operarios de Faro já comprreenderam que o seu grande problema na actualidade é o problema das subsistencias.

«Ex.mo Sr. Governador civil do districto de Faro.

A pretexto da guerra a vida tem encarecido em Portugal duma maneira assustadora, desequilibrando a situação financeira das familias operarias, que o constante aumento do salario não tem conseguido resolver.

Em quanto alguns comerciantes e industriaes, sob pretexto da guerra, fazem fortunas, o operariado morre de fome.

Nenhuma nacionalidade vive só dos ricos, (que é a minoria) muito pelo contrario, ao Estado é muito mais precisa a saude do povo trabalhador que é o producktor.

E' principalmente a actividade do povo operario que traz a prosperidade do Estado; e o operario para trabalhar necessita alimentar-se, vestir e calçar-se.

Em Portugal, actualmente, para ser comerciante feliz não é preciso ter talento, basta possuir capital e com ele comprar qualquer genero de primeira necessidade, que faz falta em casa dum operario, para no fim de dois ou três meses de armazenagem o capital duplicar ses de armazenagem o capital duplicar ou triplicar, etc., etc.

O capital, no nosso país, desde a guerra, deixou de ser a justa remuneração do trabalho e talento para ser o producto dum crime; é como se uma sociedade estivesse pagando generosamente os assassinos.

Esta injustiça, este crime, não deve continuar no nosso país.

Sendo o Estado o que principalmente se beneficia com a saude do pobre cumpre-lhe o dever de acabar com estes desmandos pondo em execução leis rigorosas para que a alimentação do povo trabalhador não seja insuficiente.

Tem V. Ex.ª, como magistrado integerrimo que é, castigado com justiça os comerciantes delinquentes e por isso o povo trabalhador de Faro, representado por um grande numero das suas associações, apresenta hoje a V. Ex.ª os seus sinceros protestos de reconhecimento, esperando que continue a fazer justiça ao povo trabalhador, que morre de fome.

A Associação dos Pedreiros resolveu, por motivos acima expostos, promover uma manifestação de aplauso pelas medidas tomadas por V. Ex.ª contra os delinquentes e ao mesmo tempo pedir respeitosamente o seguinte:

1.º Que se faça uma tabela rigorosa e equitativa para os generos de primeira necessidade.

2.º Que desta tabela seja fornecido um exemplar a cada Associação.

3.º Que a mesma tabela seja afixada nos estabelecimentos e logares publicos.

Esperando merecer o obsequio de ser atendido, em curto praso, desde já agradece penhorado.

Faro, 5 de Agosto de 1918.

José Filipe Moraes.

Revista da imprensa

JORNAES PORTUGUEZES

Em plena anarquia — O crime das Devezas

Energico, vibrante, traduzindo com justeza os sentimentos de indignação e de alarme que o barbaro atentado perpetrado pelos ferro-viarios na estação das Devezas produziu, é o fundo do *Seculo* de hoje, do qual extractamos os seguintes fragmentos:

Basta de transigencias e de medos. O espirito de pusilanimidade, de cobardia, que nos tem vindo ganhando, mesmo áqueles que teem a força do seu lado, degradou-nos a tal ponto que, ou a consciencia nacional acorda e nos salva num supremo esforço de revolta, ou nos engolfamos de vez e irremediavelmente no mais tremendo caos de dissolução, em que tenha desaparecido um país. Chegou o momento de nos erguermos todos como um só homem e encararmos de frente o maior perigo da nossa existencia — maior do que se no-la annecasse uma invasão estrangeira ou no-la jogassem no xadrez das chancelarias. A desordem e a indisciplina, a falta de noção de todos os deveres civicos e dos mais rudimentares principios de humanidade, o sentimento respeito pelas leis e pelos poderes constituidos que se estão exemplificando entre nós de uma maneira aterradora, constituem esse perigo, que é preciso combater a todo o transe, sem desfallecimentos e sem demoras, sacrifique-se o que se sacrificar, porque se trata de uma medida extrema de salvação publica.

Que o país, atonito, não desprenda os olhos desse monstruoso caso das Devezas, que excede em requintes de barbaridade e de infamia todos os crimes que se teem praticado á luz do dia entre gente que se diz civilisada.

Não nos faltava mais nada para nos cobrir de vergonhante opróbio.

Um grupo de 100 ferro viarios, armados de pedras, trancas, ferros e varapaus, faz parar um comboio, entra nas carruagens e esbarra os passageiros, não respeitando velhos, senhoras nem creanças, ficando alguns delas gravemente feridos!

Tal é o telegrama dirigido ao sr. secretario de Estado do interior e ao conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, assinado por numerosas pessoas que se utilisam dos comboios.

Ao facto que se conta neste telegrama opõe o sindicato ferro viario outra versão, e não é a nós que pertence dirimir o que haverá nesta de afenuado e na outra de carregado.

.....

Um dia se haviam de dizer estas coisas em publico, alto e bom som. E havia de ser hoje. A'manhã talvez já seja tarde. Ouça-as o país e ouça-as o governo. O caso das Devezas é um preanuncio de forte tormenta, um verdadeiro grito de alarme para quem o souber ouvir.

Ele teve o condão de fazer vibrar de indignação, com rara intensidade, o país inteiro, que pede um castigo exemplar e uma serie de medidas energicas e excepcionaes, como excepcionaes são as circunstancias que atravessamos, para que se salve este pobre país, á beira da anarquia. Quando a opinião publica se pronuncia desta forma, um governo não precisa de mais força do que tornar-se solidario com ela.

.....

Os grevistas não querem partilhar dos sacrificios que todos nós temos de fazer e que fazem todos os povos, em que as consequencias da guerra se refletem como em Portugal; não querem obedecer ás leis do país e aos regulamentos da companhia; não querem pouper o seu pais a espectaculos desharosos como o das Devezas, quando nos precisamos elevar internamente aos olhos do mundo, como os nossos soldados nos estão elevando em França! Então, o governo que lhes faça entender a razão.

Para isso, conte com o nosso aplauso, porque conta com o aplauso da opinião publica.

Ainda a anarquia

Diz o nosso presado colega *O Dia:*

Estes dois agentes *a fome e a seca*, são os mais perigosos dentre todos aqueles a que o demagogismo póde lançar mão e contra os não ha força militar nessas poderosas reis principio de autoridade bastante resistente... Por certo não tem o sr. dr. Sidonio Paes, não tem o governo, culpa de que não chova e embora o sr. Presidente da republica tenha mostrado em varios decisivos lances, que está bem relacionado com o Destino, e muito deve ao que chamará a Sorte e nós diremos ser a Providencia, não pode exigir-se-lhe que obtenha de Deus o termo do que, não só estar finda a expiação dos pecados deste malaventurado povo, ele ainda tenha que sofrer...

Mas no espirito popular, que é simplista e duma exigencia cruel para quem governa, as responsabilidades são exigidas a quem está *de cima* e não haverá leis nem forças que possam constituir um dique bastante resistente ás ondas de miseria, quando elas quebrarem todas as comportas, e se espalharem por esse país fóra, afogando-o na Anarquia!

.....

E' de crêr que o Demagogismo sopre então a fogueira em que «todos» arderemos, excite a revolta, promova a comuna... Nem por isso os celeiros serão fartos, nem assim a agua cairá dos céos em catadupas, tanto mais que já serão tardias as chuvas que, se viessem agora, apenas aproveitariam aos vinhedos.

.....

Mas um governo tem obrigação de defender-se e defender-nos, até onde fôr possivel, sem imitar o macaco que se afogou pondo as mãos na cabeça e deixando-se ir para o fundo.

E' gravissimo este problema?

Então descer das abstracções dos sonhos das grandezas e atacá-lo e soluciona-lo a valer, sem perda dum dia ou de uma hora!

Responsabilidades? Discutir-se-hão a seu tempo.

Quando lavra um incendio, extingue-se primeiro e depois se averigua se ha crime e logo posto. Aqui um crime existe. Houve quem deitasse fogo a esta nacionalidade. E quem ainda queira repetir o crime abominavel! Todas as medidas extremas do poder o são hoje de salvação publica. No estado em que se encontra o país, tem o sr. dr. Sidonio Paes, tem o governo o dever, muito mais do que o direito, de jugular, seja como fôr, todas as perturbações de ordem publica e de ordem social que serjam agora, quando a fome alastra e a seca ceifa a terra, os dobres de finados da nacionalidade portuguêza!

Perfumaria Balsemão
141 RUA DOS RETROZEIROS 141
TELEPHONE N.º 2777 — LISBOA

Companhia Portugueza de Vinhos
(EM ORGANISAÇÃO)

CAPITAL SOCIAL 150:000$00 — Já subscripto 90:000$00

Toma-se subscriptores para o restante capital todo sujeito a rateio. Interessa vivamente aos vendedores de retalho, aos commissarios, aos lavradores e capitalistas. Para informações, dirigir aos escriptorios da Companhia.

RUA CHÃ, 17-1.º — PORTO

C. DUPIN & C.ª

Com serração de madeiras em Leiria

Encarrega-se de qualquer obra de carpinteria com madeiras do pinhal Nacional.

— Pedir preços e condições —

Na fabrica de LEIRIA ou no escritorio central em ANADIA

Factos

Em Portugal ha a febre da imitação de tudo que é estrangeiro; principiando pelas modas, imitadas do ultimo figurino, passando por a conversação onde é *de bom tom*, empregar palavras francesas ou inglesas, pela literatura onde são imitados os auctores estrangeiros, até terminar nos ridiculos bofes das tão pouco marciaes calças á «Chantilly», agora usadas no nosso exercito.

Mas estas cousas nada são, comparadas com as mais graves copias á que agora se abalançou o povo portugues. Foi a de querer «tomar o gosto» a todos os regimens existentes no universo!

Ha já alguns anos que Portugal dessa tentativa tem vindo sofrendo.

Principiou por oitenta e tantos anos de constitucionalismo, moderada imitação dos «falsos principios de 89»; passou á republica declarada, com uma pequena copia do «terror» francês; ha uns poucos de mezes que os politicos da nossa terra veem quebrando lanças, por uma tentativa de «presidencialismo», á americana e os ultimos factos sucedidos na estação das Devesas, onde cem empregados se armaram em paladinos defensores de dois ou tres seus colegas, que no dia anterior tinham sido sovados numa briga com passageiros, mostra-nos o desejo imenso que ha de formar «soviete» á russa!

Pobre povo portuguêz! Ele que era tão bom no seu fundo religioso! Estragaram-no! Agora está sintetisad, no seu egoismo e na sua indigencia, na frase que eu ainda não ha trez dias, ouvi da boca duma pobre, á passagem do enterro duma pessoa rica: *«Morreu, deixa-lo! é para saberem que não são só os pobres a morrer!*

E tudo isto porque lhe destruiram a sua formação tradicionalista, acenando-lhe com as falsas ideias do materialismo e do individualismo.

Mas eu tenho fé no futuro. A experiencia tem sido muito dura e a lição muito proveitosa!

João de Mello Lapa
(Villa Nova de Ourem)

Tauromaquia

Caldas da Rainha

No proximo domingo realisa-se nesta praça uma magnifica corrida de vacas, dedicada ás gentis meninas da colonia balnear.

Nessa interessante festa, que está despertando grande entusiasmo, por nela tomarem parte distintos amadores da nossa primeira sociedade.

O cavaleiro da corrida é o distinto amador José Iglezias Viana e o espada o amador G. Santos, que passará de muleta as vacas que se prestarem a essa sorte de efeito.

Na lide de pé tomam parte laureados amadores, auxiliados por Eduardo Perestrelo, D. Carlos de Mascarenhas, João Coutinho, etc.

O grupo de amadores é formado pelos valentes amadores D. Antonio da Camara do Vale (cabo), J. Cabedo, D. Jorge de Avilez, Manuel Alpoim, D. José de Avilez, etc.

Preparam-se surprezas de sensação, executadas por um dos nossos distintos amadores.

Figueira da Foz

O elegante Coliseu Figueirense inaugurou a sua época no passado dia 11 com uma magnifica corrida, a qual deixou as melhores impressões, pelo excelente curro de touros fornecido pelo lavrador do Cartaxo, sr. João Mendonça, que deu excelente ocasião para que todos os artistas brilhassem.

O segundo touro desembolou-se, mas Jorge Cadete ainda mesmo assim lhe cravou soberbos pares de bandarilhas, sendo entusiastica e delirantemente aplaudido.

A colonia espanhola salientou-se de maneira notavel nas manifestações ao arrojado artista.

A empreza do Coliseu já está organisando a segunda corrida da epoca, a qual se realisará por ocasião das grandes festas de Buarcos, havendo tambem concurso hipico.

A empreza contratou já um soberbo curro de touros, pertencente ao ganadeiro creador sr. Alves do Rio, cujos touros são oriundos de um semental da celebre ganaderia andaluza de Muruve, de tão grande fama.

Nesta extraordinaria corrida tomam parte os nossos melhores artistas, incluindo o grande bandarilheiro Alfredo dos Santos.

Alfredo dos Santos é um dos artistas que ultimamente mais se tem salienta pela sua decidida vocação para a arte de Montes.

Não ha duvida que a segunda, organisada pela empreza do Coliseu Figueirense, em nada ficará a do dia 11 do corrente.

Condessa de Valbom

Faleceu esta manhã a sr.ª condessa de Valbom. O seu funeral realisa-se amanhã pelas 2 horas da tarde, saindo o prestito funebre da casa da sua residencia na rua de Santa Catarina.

Jornadas e Salões

Aniversarios

Fazem ámanhã anos, as senhoras:

Condessa da Guarda.
D. Branca de Athouguia Ferreira Pinto Basto.
D. Maria José da Natividade Falcão Velho da Fonseca Barbosa e Bourbon (Azevedo).
D. Laura Ferreira Pinto Figueira Freire Quintella.
D. Maria José de Castro Mancellos.
D. Helena Veloso de Figueiredo.
D. Amelia Consuelo Lampreia.
D. Clotilde Valladas Tedeschi Correia Neves.

E os srs.:

D. Antonio de Castro Pereira e Solla (Castro e Solla).
José Bernardo da Camara Viterbo.

Rendez-vous elegantes

No Eden Teatro

Foi muito concorrida a «matinée» de ontem neste teatro, onde se exibiu um explendido programa cinematografico.

Dada a preferencia que se vem manifestando, é ponto assente que, na proxima época de inverno, as «matinées» no Eden sejam oficialmente um ponto de reunião da nossa sociedade elegante.

Amanhã é o espectaculo da moda neste teatro, com a representação da já celebre revista «Trombeta da Fama».

Pelas combinações que sabemos estarem feitas, muitas pessoas que já regressaram das termas ali darão «rendez-vous».

No Salão da Trindade

Hoje segunda-feira, é a noite consagrada ao explendoroso espectaculo que a inteligente empreza do Salão da Trindade apresenta.

Variedades, interessantes «films», bela musica, rpreciavel fresco produzido pelo movimento dos ventoinhas electricas, eis o que de melhor se póde desejar.

No Politeama

Para hoje combinaram-se «rendez-vous» neste teatro, a fim de serem apreciados pela nossa sociedade elegante os novos quadros da Salada Russa.

Veranicios elegantes

Santo Amaro-Oeiras.

Meu Magriço

Seis linhas — se tanto — muito ao correr da pena, só para que não digas que me esqueço de ti.

Ontem, domingo, ouve uma verdadeira romaria ao Casino e os seus asptecos foram de tal modo interessantes, que os estou saboreando ainda.

Tanto a matinée como a soirée estiveram concorridissimas.

Tudo quanto de distincto está veraneando em Santo Amaro e redondezas, aqui veiu dar um simpatico colorido, uma sugestiva animação, a graça natural dos seres viventes engraçados.

Que explendido dia!

Como vês, não posso dar novidades, porque o deleite em que me acho na doce apreciação das recordações de ontem, me inhibe de dizer ou falar em qualquer outra coisa, mas na proxima carta, contarei tudo o que tenho guardado para pôr em íditre de imprensa, e que é muito, mesmo muito...

Adeus, que vou tomar o meu banho quente ao Eden, e se me demoro mais póde esfriar a agua...

Agosto, 1918. *Z. M.*

Do fornada

Regressaram da Quinta do Piza Pimenta, onde estiveram de visita a suas filhas e genros, ao seu solar de Barcelos, os nobres srs. Viscondes de Godim.

— Regressaram hoje da Quinta da Conceição, em Caparica, e seguem brevemente para a sua vivenda de Cintra, o sr. Teodoro Ferreira Pinto Basto, sua esposa, suas filhas e genros, sr.ªs D. Laura Figueira Freire D'Orey Quintela e D. Beatriz Figueira Freira da Veiga, e os srs. Augusto Veiga e Francisco Quintela.

— Estão no Mont'Estoril, hospedados no Hotel Miramar, o sr. Manuel José Monteiro e sua esposa,

— No mesmo hotel acham-se passando alguns dias o sr. Nunes Correia, sua esposa e gentilissima filha,

— De sua viagem de recreio regressou á sua elegante vivenda do Mont'Estoril o sr. Frank dos Santos.

— Partem brevemente para Guimarães, onde vão passar uma temporada com seu irmão e cunhada, o sr. Alexandre de Paiva de Faria Leite Brandão, sua esposa a sr.ª D. Adelaide Maria de Sarrea Lamy Leite Brandão e sua interessante filha.

Doentes

Acha-se felizmente em restabelecimento a sr.ª D. Raquel Pimentel de Azeredo (Samodães) que ha pouco foi acometida dum ataque de gripe infecciosa. S. Ex.ª regressou já á sua casa do Porto.

Sports elegantes

Teem sido muito animados e distinctamente concorridos os torneios de «lawtennis» nos «courts» do Sport Lisboa e Benfica, á Avenida Gomes Pereira.

Ontem jogaram-se diversas partidas para o concurso que está correndo, que tem sido seguido com muito entusiasmo.

No proximo domingo continuam as eliminatorias.

Teatros e Cinemas

Reclames

ginasio

Todas as noites o grande acontecimento teatral é o espetaculo preferido das familias pela sua honestidade e a sua graça é o do Ginasio com a soberba comedia «Marionetes» em que Palmira Bastos, Brazão, Carlos Santos e Maria Pia são verdadeiramente extraordinarios.

Politeama

Para o sucesso da «Saloda russa» no Politeama, que cada noite mais se accentua, varios factores contribuiram, desde a graça do poema — que no novo quadro «Comes e bebes», redobrou de intensidade — até á fórma como a peça está posta.

A musica deliciosa e desempenho completissimo, valorisou o que tinha que valorisar numa homogeneidade de esforço tal, que ela já conta, com a representação de hoje, 79 exhibições felicissimas. Desse desempenho destacamos hoje o actor Alfredo Silva, que distintamente releva as rabulas da victima das subsistencias e o gramofonomatico em que obtem os mais sinceros e merecidos orlausos.

Eden Teatro

E' cada vez maior o exito da revista «Trombeta da Fama». E' a peça preferida do publico a já celebre e popularissima revista «Trmbetc da Fama» fazendo com que as enchentes se sucedam no Eden todas as noites. E' a revista mais engraçada, mais fina, de mais espirito, mais bem representada por artistas principaes dos nossos primeiros teatros, que nestes ultimos tempos tem aparecido.

Por isso a «Trombeta da Fama» é a peça mais querida de todo o publico, que se não farta de a ver e de apladi-la cada vez mais, as gargalhadas estrugem mais fortes.

NOTA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirijida para este jornal a João Telles, afim do ser publicada.

ESPECTACULOS

NACIONAL — A's 21 — «O amor de perdição».
S. LUIZ — A's 21,30 — «Os mineiros», drama.
TRINDADE — A's 9,30 — «O gato maltez», revista.
GINASIO — A's 9 e 30 — «Marionettes», comedia.
APOLO — A's 9,30 — A famosa revista «A revoltas.
POLITEAMA — A's 9,30 — «Salada russa», revista.
AVENIDA — A's 9,30 — «Madame Eva Sonambula», comedia.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Animatografo.
EDEN — A's 21,30 — «Trombeta da Fama».
SALÃO FOZ — A's 9 — Animatografo e variedades.
SALÃO DOS ANJOS. — A's 20 — A revista «Pouca sorte».

Animatografos

Chiado Terrasse — Animatografo e concerto.
Olimpia — Animatografo e concerto. «Matinées» todos os dias.
Salão Central — (Palacio Foz) — Animatografo e concerto.
Cinema Condes — Animatografo e concerto. — «Matinées» ás quinta-feiras.
Cine-Paris — Animatografo ás 5.ªs, 5.ªs, sabados e domingos.
Cinema Colossal, Coliseu de Lisboa — Animatografo e variedades.
Salão da Trindade — Animatografo e concerto
Salão Lisboa, á Guia — Animatografo.
Salão do Rocio — (R. Arco Bandeira) — Animatografo.
Chantecler — Todas as noites fitas faladas.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente de animaes.

Ferro-viarios

Já está normalisado o serviço de comboios entre o Porto e a Pampilhosa.

Na estação do Rocio recomeçou hoje a venda de bilhetes directos para o Porto.

Caminhos de Ferro Portuguezes

Ramal de Cascaes — Arrendamento á Sociedade Estoril

Por contracto celebrado entre o Governo, esta Companhia e a Sociedade Estoril, a exploração do Ramal de Cascaes passa a ser feita de conta da Sociedade Estoril desde o dia 19 do corrente mês.

Até aviso em contrario, são mantidos sem alteração, todos os serviços combinados existentes entre esta Companhia e todas as demais rêdes de caminho de ferro nacionais e estrangeiras para transportes de passageiros, animais e quaisquer mercadorias, de ou para o Ramal de Cascaes e Entrepostos e Cais da Exploração do Porto de Lisboa.

Lisboa, 17 de agosto de 1918.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita.